



## VIVÊNCIAS DOCENTES NA PANDEMIA: PRIMEIRAS PERCEPÇÕES

Bruna Garcia da Cruz Canellas<sup>1</sup>

Igor Vinícius Lima Valentim<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Fevereiro de 2020, as aulas dos estudantes de educação básica já haviam começado. Quando as primeiras notícias sobre o novo vírus surgiram, muitos estavam no recesso do carnaval. Este novo vírus, chamado de SARS-CoV-2, foi inicialmente identificado em Wuhan na China em dezembro de 2019 (BRASIL, 2020). Professores, alunos, diretores, nenhum de nós imaginaria que o vírus ia chegar aqui tão rápido. O primeiro caso confirmado do COVID-19 no Brasil ocorreu em São Paulo no dia 26 de fevereiro de 2020 (G1, 2020). Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a situação de saúde pública causada pelo COVID-19 como uma pandemia (UNA-SUS, 2020), e em 12 de março, houve a primeira morte pelo COVID-19 no Brasil. A primeira de milhares. Inicialmente as secretarias de educação do Distrito Federal, de São Paulo e Rio de Janeiro, adiantaram as férias escolares, esperando que a situação ia ficar estável em breve. Além da suspensão das aulas, alguns estados também anunciaram outras medidas para conter a disseminação do vírus como o fechamento de shoppings, cinemas e restaurantes. Essa primeira fase, chamada de isolamento social, foi sugerida pelo Ministério da Saúde para conter a transmissão comunitária.

A recomendação era ficar em casa, ou sair somente para o extremo necessário, para mim isso ocasionou uma mudança na rotina e na vida. Como professora de Biologia recém formada, iria iniciar o (meu tão sonhado) mestrado em março, minhas expectativas estavam altas, porém, minhas aulas também foram suspensas por tempo indeterminado. Então o que iria fazer com toda aquela expectativa, ansiedade, planejamento? Percebi que essas sensações em conjunto

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, [bgcc.canellas@gmail.com](mailto:bgcc.canellas@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Sociologia Econômica pela Universidade Técnica de Lisboa, Professor associado do Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais (NCE/UFRJ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense; [valentim@gmail.com](mailto:valentim@gmail.com).

O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



com o medo e a angústia se avolumaram e geraram mais dúvidas. O que eu faço nesse tempo? Como as pessoas estão lidando com isso? Minha maneira de tentar entender o que estava acontecendo e ocupar meu tempo foi participar de alguns encontros e simpósios que travavam diálogos sobre a pandemia, explorando um pouco as transformações que os docentes estavam sofrendo. As falas dos palestrantes, as perguntas e comentários dos participantes ao vivo me chamaram a atenção, pois ao escutar esses relatos, fui percebendo que algumas palavras e sensações descritas por eles também ecoavam em mim. Incertezas, angústias, medo, a sensação de um novo desafio, revisão de perspectiva e da própria identidade do professor, além de instabilidade emocional e outros impactos de saúde mental.

Com as salas de aula vindo para dentro de casa, a rotina já não era mais a mesma, assim como os ambientes que transitamos. Esse foi um aspecto também bastante discutido nos simpósios que trouxe mais uma leva de reflexões. Como colocado por Borba e colaboradores (2020), questões como: o que, por que e para quem estamos lecionando; que sempre estiveram presentes na realidade presencial dos professores, assim como os acompanharam durante sua trajetória profissional, assumiram uma nova perspectiva diante deste cenário. Sendo assim, como os professores estão se reconhecendo nesse contexto? Quais mudanças tivemos no papel do professor?

Uma definição basal, e bastante criticada, de que o professor é “[...] antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber aos outros” (TARDIF, 2014, p. 31) acaba sendo evocada neste momento de pandemia pelos espaços virtuais. Essa definição não abrange toda a pluralidade das interações com os alunos que ocorrem na realidade da sala de aula. Elas perpassam por temas como engajamento das crianças na aprendizagem, desenvolvimento moral, de crenças de si e do meio social, entre outros, incluindo o afeto. Posto isso, como as relações professor-aluno se alteraram durante esse período de pandemia sem ter esse contato presencial?

Entrar em contato com todas essas experiências, dúvidas, relatos e sensações me motivaram a investigar as mudanças sentidas por professoras e professores da rede estadual pública do Rio de Janeiro que ocorreram durante a pandemia com o objetivo de escutar essa classe tão importante. O presente trabalho, portanto, endereça a necessidade de se compreender como esses aspectos estão impactando a vida do docente, entendendo como mudou sua percepção de ser/estar professor; identificar os impactos na saúde mental desses profissionais e perceber as alterações na relação professor-aluno.



## **METODOLOGIA**

A metodologia escolhida para a produção de dados dessa pesquisa foi a *entrevista compreensiva*, uma abordagem qualitativa em que a coleta de informações é evidenciada para a reconstrução do discurso, permitindo uma análise aprofundada da subjetividade, envolvendo a questão central do tema pesquisado (MINAYO, 1996). Sendo assim, em uma *entrevista compreensiva* desenvolve-se uma relação social, e dá abertura para o pesquisador ou pesquisadora acolher as realidades e sentimentos diferentes do sujeito entrevistado, permitindo-se assim ser atravessado por essas experiências, mudando a estrutura das perguntas e da própria problemática previamente definida.

O presente trabalho é parte inicial da pesquisa de mestrado da autora, portanto os dados foram obtidos a partir da entrevista com uma professora da rede estadual do Rio de Janeiro que acompanhei durante o estágio docente da graduação. A entrevista foi realizada e gravada com autorização da entrevistada de maneira remota pelo serviço de comunicação por vídeo *Google Meet* por conta do isolamento social. Um roteiro prévio de entrevista foi elaborado para conduzir a entrevistada em torno de um eixo de pensamento, incentivando-a a relatar suas experiências durante a pandemia. Porém, por se tratar de um tipo de *entrevista semiestruturada*, ou seja, apesar das perguntas terem sido previamente elaboradas, outras foram surgindo ao longo das conversas, o que trouxe ainda mais riqueza ao conteúdo compartilhado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desde o início da pandemia do COVID-19 muito tem se falado sobre um *novo normal*. Esse conceito está associado a uma mudança drástica da sociedade, onde há uma transformação substancial no modo de fazer as coisas, e não a uma retomada imediata ao status anterior. Schirato em entrevista ao site do Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER, 2020) atribui esse conceito a uma busca do ser humano por sobrevivência durante períodos assim. Essa percepção também pode ser sentida dentro do espaço escolar.

A escola é um espaço sociocultural que abriga dinamismo, pluralidade, além da construção de sujeitos sociais e históricos (DAYRELL, 1996). No trabalho de Ademar Fey (2011, p.1) sobre linguagem na interação professor-aluno na era tecnológica, o autor ressalta que “[...] a escola acaba refletindo, com o devido tempo, as mudanças ocorridas na sociedade em que ela está inserida.” Isso não seria diferente no contexto das tecnologias. Os professores foram percebendo que a necessidade de se inserir no mundo digital estava ficando cada vez



mais evidente, e, apesar dos alunos estarem acostumados com essa experiência, a realidade, principalmente na escola pública, não é bem assim. A pandemia acabou evidenciando essa diferença, colocando essa necessidade em primeiro lugar, pois os materiais divulgados, atividades, aulas e a própria interação com o professor migrou para esse espaço virtual. A *nova* realidade fez com que muitos professores tivessem que aprender (rapidamente) o uso dessas ferramentas. A professora entrevistada exemplifica essa situação ao relatar sua insegurança por nunca ter mexido na plataforma:

A gente estava completamente perdido, acho que todos os professores. Eu, pelo menos, nem sabia usar essa plataforma do *Google Classroom*, não tivemos nenhuma formação, de forma mais concreta né. Foram postados alguns vídeos explicando, ensinando, mas não teve nenhum curso mesmo que pudesse dar essa assistência ao professor, então a gente teve meio que aprender na marra. (p. 3)

A fala da professora conversa com os dados obtidos por Borba et al. (2020) em sua pesquisa sobre percepções dos docentes de Biologia onde 54% de seus entrevistados nunca tiveram experiência ou formação prévia com atividades remotas, apesar de estarem implementando esse tipo de atividades. Os autores também ressaltam como isso trouxe à tona “uma consolidação de um modelo de trabalho pautado no ensino remoto sem que houvesse negociações prévias e ampla escuta dos professores e gestores que compõem diferentes sistemas de ensino” (p.10).

Acredito que essa falta de comunicação foi um pontapé inicial para que os profissionais de ensino se sentissem afetados com a adequação às novas tecnologias, gerando uma nova demanda de trabalho e a mudança na rotina. A professora entrevistada apresentou um pouco dessa mudança ao relatar que sua rotina agora se distribui em cuidar dos afazeres de casa e do filho pequeno, além de organizar e ministrar atividades para as aulas em um computador compartilhado com o marido. Também sobre as atividades remotas, a própria entrevistada diz que “Demanda bastante tempo do professor e as vezes ficamos muito mais tempo do que o tempo dentro da sala de aula, fazendo tarefas que muitas vezes não fazíamos antes” (p. 11). Quantas professoras não estão passando pela mesma situação? Mesmo que haja um esforço para tentar dar conta das tarefas, hoje, o único lugar disponível para a realização de todas elas é a própria casa. Isso não é fácil. Essa demanda também pode gerar impactos na saúde mental dos professores.

Uma das perguntas da entrevista tinha o intuito de focar em quais mudanças a professora tinha percebido na sua saúde mental. A resposta dela já começou com “Bom, a gente está um pouco pirada mesmo (risos)” (p. 9). Essa frase me trouxe um relaxamento, pois foi uma



sensação que senti diversas vezes durante esse período. Porém, também reforçou que “devemos zelar pela nossa saúde mental ainda mais nesse momento” (idem). Ela relatou que estava tentando adotar estratégias para melhorar esse estado como cuidado com a alimentação, meditação, brincar com o filho, estudar uma outra língua, e o principal, continuar tentando manter contato com o aluno e os colegas.

Ela acredita que o contato com o aluno ajuda a fazer o seu trabalho, a cumprir o seu papel, e esse contato não só através das videoaulas como também nas salas de aula virtual os deixa um pouco mais próximos, e é algo que para ela “ajuda um pouco a me sentir fazer parte de uma sociedade, estar em grupo e estar se relacionando” (p. 10). Perceber que para ela esse contato com o aluno também faz parte da manutenção da saúde mental e até mesmo de identidade, me chamou bastante a atenção. Podemos traçar um diálogo entre essa fala da professora e a relação entre o saber do professor descrito por Tardiff (2012), onde o autor descreve que esse saber não é só cognitivo, mas também é uma relação íntima que engloba as experiências de vida dos docentes, é aquilo que ele é e faz, assim como foi e fez, que perpassa por sua história profissional, assim como pelas interações com os alunos e colegas.

Percebo nesse ponto que a relação professor-aluno evidenciada pela professora possui uma maior amplitude no nível sensível, pois em outro momento da entrevista ela relata que além da preocupação e insegurança que sente por si, também sente pelos alunos. Uma questão que ela tem observado é a falta de interesse, que já era muito grande nas aulas presenciais. Ela associa todos esses sentimentos a uma falta de apoio emocional (p. 9): “Sabemos que é um momento delicado, cheio de incertezas do que vai ser daqui para a frente, muitas vezes tem essa desestimulação, mas acho que muito mais do que conteúdo tem que trabalhar o emocional também, dar uma assistência psicológica para o aluno, até para tentar não perdê-lo.”

Ao escutar essa fala da professora consigo sentir o carinho que ela possui por eles. Como Piaget (2011) descreve, esse afeto nas relações é uma grande influência no comportamento. no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo, assim como na própria saúde mental. A relação sensível-emocional dos profissionais de educação para com seus alunos deveria ser mais valorizada e explorada, ainda mesmo nesse contexto pandêmico, pois está sendo intimamente afluída pelas diversas situações que estamos passando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Considerando os dados obtidos até aqui é necessário que haja uma maior investigação das percepções docentes afim de valorizar essa classe que é muitas vezes desvalorizada. Escutar e divulgar ainda mais as experiências dos docentes dá a sensação de que não estamos passando por esse momento tão difícil sozinhos. Perceber que as estratégias para tentar diminuir essas sensações de insegurança, medo e angústias estão intimamente relacionadas ao trabalho e vida do professor nos leva a entender como essa profissão é sensível e que acaba sendo sucateada durante esse cenário pandêmico. Portanto, apesar de possuir algumas limitações, a investigação pode ser considerada de relevância científica e social, uma vez que apresenta os diálogos entre a relação professor-aluno, suas sensações e perspectivas e a pandemia do COVID-19.

**Palavras-chave:** pandemia, coronavírus, professores, vivências

## REFERÊNCIAS

BORBA, R. C. do N.; TEIXEIRA, P. P.; FERNANDES, K. de O. B.; BERTAGNA, M., VALENÇA, C. R.; & SOUZA, L. H. P. de. Percepções docentes e práticas de ensino de ciências e biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBEnBio. **Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio**, 13(1), 153-171, 2020.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 194, 136-162, 1996.

FEY, A. F. A linguagem na interação professor-aluno na era digital: considerações teóricas. **Revista Tecnologias na Educação**, 3(1), 57-77, 2011.

G1. Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. **Portal de notícias G1**, 26 ago 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em 20 set 2020.

INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA – INSPER. Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas. **Portal INSPER**, 07 mai 2020. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>. Acesso em 28 set 2020.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 1996.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar; 1983.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 17ª ed.

UNIVERSIDADE ABERTA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE - UNA-SUS. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **Portal UNA-SUS**, 11 mar 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 20 set 2020.